



PSICANÁLISE E REDES SOCIAIS: AS DINÂMICAS DE CAPTURA VIRTUAL DO DESEJO E DIGITALIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS CENAS DO SEMIOCAPITALISMO

PSICOANÁLISIS Y REDES SOCIALES: LA DINÁMICA DE CAPTURA VIRTUAL DEL DESEO Y DIGITALIZACIÓN DE LA SUBJETIVIDAD EN LAS ESCENAS DEL SEMIOCAPITALISMO

PSYCHOANALYSIS AND SOCIAL NETWORKS: THE DYNAMICS OF VIRTUAL CAPTURE OF DESIRE AND DIGITALIZATION OF SUBJECTIVITY IN THE SCENES OF SEMIOCAPITALISM

Mardem Leandro Silva¹
Elizabeth Fátima Teodoro²
Daniela Paula do Couto³

RESUMO: O artigo “Psicanálise e redes sociais: as dinâmicas de captura virtual do desejo e digitalização da subjetividade nas cenas do semiocapitalismo”, consiste no resultado de uma pesquisa desenvolvida ao longo de 2023 na Universidade do Estado de Minas Gerais, que buscou investigar o impacto das redes sociais na subjetividade e na captura do desejo dos usuários em um contexto semiocapitalista. Utilizando uma investigação teórica de cunho psicanalítico, explora-se a transformação da subjetividade em uma “subjetividade maquínica”, na qual os indivíduos transitam do espaço de determinação simbólico denominado de o “grande Outro” para o ambiente sociodigital determinado pelo “Algoritmo”. A pesquisa destaca a necessidade de compreender a interação entre subjetividade e algoritmos, evidenciando como essa interação pode afetar negativamente o bem-estar dos indivíduos. Os resultados apontam para uma profunda influência das redes sociais na redefinição das práticas sociais e estruturas psíquicas, sugerindo implicações significativas para políticas públicas, práticas terapêuticas e estratégias educacionais. Este estudo contribui para a discussão sobre saúde mental e subjetividade na era digital, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a conformação do desejo no ambiente virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade maquínica; Semiocapitalismo; Desejo digital; Redes sociais; Algoritmo.

RESUMEN: El artículo “Psicoanálisis y redes sociales: la dinámica de captura virtual del deseo y digitalización de la subjetividad en los escenarios del semiocapitalismo”, consiste en el resultado de una investigación desarrollada a lo largo de 2023 en la Universidad Estadual de Minas Gerais, que buscó investigar el impacto de las redes sociales sobre la subjetividad y la captura del deseo de los usuarios en un contexto semiocapitalista. A través de una investigación teórica de carácter psicoanalítico, se explora la transformación de la subjetividad en una “subjetividad maquínica”, en la que los individuos pasan del espacio de determinación simbólica llamado el “gran Otro” al entorno sociodigital determinado por el “Algoritmo”. La investigación destaca la necesidad de comprender la interacción entre la subjetividad y los algoritmos, destacando cómo esta interacción puede afectar negativamente el bienestar de los individuos. Los resultados apuntan a una profunda influencia de las redes sociales en la redefinición de las prácticas sociales y las estructuras psíquicas, lo que sugiere implicaciones significativas para las políticas públicas, las prácticas terapéuticas y las estrategias educativas. Este estudio contribuye a la discusión sobre salud mental y subjetividad en la era digital, ofreciendo una perspectiva crítica sobre la configuración del deseo en el entorno virtual.

¹ Doutor em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Formiga - Unifor-MG. Professor e chefe do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades da UEMG - Unidade Cláudio. Pesquisador e coordenador do LaPSICC - Laboratório de Psicanálise: Clínica, Ciência e Cultura. E-mail: mardemls@yahoo.com.br

² Psicóloga graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Divinópolis); Pós-graduada em Gestão em Saúde Mental pela Universidade Cândido Mendes; Mestre e doutoranda em psicologia, na linha de pesquisa Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia, pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ (Minas Gerais, Brasil). E-mail: elektraliz@yahoo.com.br

³ Psicóloga graduada pela PUC Minas. Mestre em Psicologia pela UFSJ. Doutora em Psicologia pela UFMG. Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. E-mail: dp.couto@yahoo.com.br

PALABRAS CLAVE: Subjetividade maquina; Semiocapitalismo; Desejo digital; Redes sociais; Algoritmo.

ABSTRACT: The article “Psychoanalysis and social networks: the dynamics of virtual capture of desire and digitalization of subjectivity in the scenes of semiocapitalism”, consists of the result of research developed throughout 2023 at the State University of Minas Gerais, which sought to investigate the impact of social networks on subjectivity and capturing users' desire in a semiocapitalist context. Using a theoretical investigation of a psychoanalytic nature, the transformation of subjectivity into a “machinic subjectivity” is explored, in which individuals move from the space of symbolic determination called the “big Other” to the socio-digital environment determined by the “Algorithm”. The research highlights the need to understand the interaction between subjectivity and algorithms, highlighting how this interaction can negatively affect the well-being of individuals. The results point to a profound influence of social networks in redefining social practices and psychic structures, suggesting significant implications for public policies, therapeutic practices and educational strategies. This study contributes to the discussion about mental health and subjectivity in the digital era, offering a critical perspective on the shaping of desire in the virtual environment.

KEYWORDS: Machinic subjectivity; Semiocapitalism; Digital desire; Social media; Algorithm.

1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que as tecnologias recentemente desenvolvidas estão exercendo uma influência substancial em nossas ações, na maneira como estabelecemos relações e nos comunicamos. Martins *et al.* (2023) argumentam que as sociedades democráticas estão cada vez mais enraizadas nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para seus processos produtivos, entre elas, as redes sociais têm surgido como uma das mais utilizadas. Tratam-se de plataformas virtuais que facilitam a criação de perfis individuais com certa visibilidade pública. Embora sejam utilizadas por pessoas de todas as idades, ganham destaque particular entre os adolescentes e jovens adultos, constituindo-se como espaços privilegiados para interação e expressão pessoal nessa faixa etária. Sabemos que a integração dessas tecnologias se encontra em um estágio inicial, quando contrastada com a extensa trajetória da história humana, porém, ela já levanta questões significativas que precisam ser consideradas, particularmente no que tange à subjetividade individual e ao desenvolvimento antropológico, cultural e social. Isso se deve à profundidade e à quantidade de tempo que as pessoas têm dedicado ao uso dessas tecnologias.

Nesse contexto, destacamos que o uso excessivo das redes sociais tem sido associado a uma série de questões subjetivas e de saúde mental que exigem uma análise cuidadosa. Essa assertiva pode ser evidenciada em estudos como os realizados pela *Royal Society for Public Health* (RSPH, 2019), em psiquiatria e psicologia, que já relatam as consequências do impacto tanto positivo quanto negativo do uso das redes sociais na saúde mental de seus usuários. Não sem razão, na atualidade, as mídias sociais já se estabelecem no cenário da infocracia (HAN, 2022) como sendo um hábito dopaminérgico mais viciante do que o uso de drogas licenciadas, como cigarros e o álcool.

Este estudo adotou uma abordagem teórica fundamentada na psicanálise para investigar as dinâmicas de captura virtual do desejo e a digitalização da subjetividade nas redes sociais no contexto do semiocapitalismo. A escolha desse método se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão dos processos psíquicos envolvidos nas interações dos usuários com plataformas digitais, especialmente no que diz respeito à modificação do desejo humano e à subjetividade maquínica. Foram utilizados instrumentos teóricos da psicanálise lacaniana, com foco na análise das relações entre o “grande Outro” e o “Algoritmo”, para explorar como essas dinâmicas afetam o comportamento e o bem-estar dos indivíduos. A justificativa para o uso desse referencial se baseia na adequação do método psicanalítico para desvendar os mecanismos inconscientes que permeiam as interações digitais e suas implicações no semiocapitalismo.

A coerência entre o método escolhido e os objetivos do estudo é assegurada pela necessidade de entender como o desejo é capturado e reconfigurado pelas redes sociais. A investigação teórica, sustentada por uma análise aprofundada de textos psicanalíticos e estudos contemporâneos sobre subjetividade digital, permite alcançar os objetivos de explorar os impactos das redes na saúde mental e nas práticas sociais, contribuindo para uma discussão crítica sobre a conformação da subjetividade na era digital.

Ocorre que “quanto mais dopamina no sistema de recompensa do cérebro, mais adictiva é a experiência” (LEMBKE, 2022, p. 11). Cabe considerar que a dopamina é um neurotransmissor modulador, como é o caso da serotonina ou noradrenalina, um neurotransmissor dessa natureza é responsável por organizar modificações profundas nas redes de engramas do cérebro, regulando algumas importantes funções do corpo. Os engramas são formações neuronais, são marcas cerebrais deixadas por cada uma de nossas experiências, a formação de novos engramas significa a formação de novas memórias semânticas para garantir os significados com os quais o sujeito irá reagir aos acontecimentos. Engramas condicionados por hábitos dopaminérgicos tendem a contribuir para a redução do tônus volitivo que é a capacidade de adiar a recompensa, sustentar a atenção ou suportar uma frustração.

Segundo a psiquiatra Anna Lembke, autora do livro *Nação dopamina*, as formas de vida do contemporâneo estão contribuindo para um excesso de prazer que está tornando a população infeliz. Isso porque os humanos transformaram o mundo, de um lugar de escassez, no qual a miséria era a regra, “em um lugar de imensa abundância” (LEMBKE, 2022, p. 11). A autora também sustenta que “o smartphone é a agulha hipodérmica dos tempos modernos, fornecendo incessantemente dopamina digital para uma geração plugada. Se você ainda não descobriu sua droga preferida, ela logo estará em um site perto de você” (p. 11). Motivo pelo

qual o gerenciamento do uso de aparelhos eletrônicos se converteu em uma prática complexa, para a qual as tentativas de limitação se revelam muitas vezes impraticáveis, visto que o uso ordinário de eletrônicos se revelou um comportamento de primeira necessidade. Isso porque nesse contexto infocrático no qual impera o poder da informação, o regime disciplinar, que caracterizava o uso das drogas licenciadas é substituído pela proposição do regime da informação: informar-se e se fazer informar se tornam atitudes de primeira necessidade. Mas o excesso de informação impõe condições à homeostase desiderativa do sujeito, de tal sorte que surgem nomeações diagnósticas para dar conta de sua condição, tal como a *Nomophobia*, abreviatura de *no-mobile phobia* (medo de ficar sem celular), palavra que teve sua origem no Reino Unido, em 2008, e ficou conhecida na quinta edição do DSM-5 (SILVA; SILVA, 2017).

Nessa perspectiva, um fenômeno emergente, conhecido como FoMO (*Fear of Missing Out* – medo de ficar de fora), descreve a sensação de necessidade que alguém tem de constantemente verificar suas redes sociais, motivada pelo desejo de se manter informado e conectado com o que os outros estão fazendo. Esse impulso não é exclusivo dos usuários de redes sociais, mas reflete com precisão uma forma de comportamento compulsivo moderno, nascido da ansiedade de perder momentos valiosos que outros estão experimentando. Esse estado de ânimo impulsiona a pessoa a querer estar sempre a par das novidades e atividades dos outros, promovendo uma ligação contínua com o mundo virtual e as experiências que são compartilhadas online (MOURA et al., 2021-2022).

Por esse viés, Han (2015) fala de uma sociedade do cansaço, na qual ocorre uma forma específica de violência, a qual ele denomina de violência neuronal. Ora, se no passado a sociedade vivia num contexto bacteriológico, que teve o seu fim com o surgimento dos antibióticos, agora ela vive a ocasião de uma sociedade neuronal, ou seja, o que caracteriza o contemporâneo é exatamente a grande incidência de doenças neuronais ou psíquicas: depressão, ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) ou Síndrome de Bournout (SB). A verdade é que esses diagnósticos “escapam a qualquer técnica imunológica” (HAN, 2015, p. 8), visto que não são provocadas por nenhuma negatividade (falta, ausência), mas sim por positivities em excesso.

Assim, há um aumento nas evidências que associam o uso intensivo das redes sociais a sintomas tipicamente vinculados à dependência de substâncias, como alterações de humor, intolerância, sintomas de abstinência e distúrbios comportamentais. Esses sinais são frutos de uma desadaptação cognitiva, intensificada por uma gama de fatores externos, culminando na dependência dos usuários às redes sociais (MOURA et al., 2021-2022). Diante disso, surge a

questão: quais seriam as dinâmicas de captura virtual do desejo e digitalização da subjetividade pelas redes sociais nas cenas do semiocapitalismo? A partir desse questionamento contemporâneo sobre o impacto do uso desmedido das redes sociais na produção da subjetividade, objetivamos investigar as consequências da captura virtual da faculdade de desejar dos usuários, em um universo de trocas caracterizado como semiocapitalismo. Assim, a pesquisa situa-se na investigação teórica com um destacado alicerce na teoria psicanalítica, buscando desvendar como as plataformas digitais remodelam as faculdades de desejo e moldam uma nova configuração de subjetividade. Reconhecendo o uso intensivo das redes sociais como um fenômeno capaz de redefinir as práticas sociais e as estruturas psíquicas, esta análise revela a importância de compreender a subjetividade em sua interação com os algoritmos que direcionam a lógica das relações sociais e do consumo de informação.

A relevância deste estudo é dupla: primeiro, oferece uma perspectiva crítica sobre a conformação do desejo e do ser no ambiente virtual, elementos pouco explorados na literatura contemporânea. Segundo, contribui para a discussão sobre saúde mental, evidenciando como a lógica das redes sociais pode afetar negativamente a subjetividade e o bem-estar dos indivíduos. Tal investigação é crucial para informar políticas públicas, práticas terapêuticas e estratégias educacionais que reconheçam e abordem as implicações psicossociais da vida digital.

2 SUBJETIVIDADES EM REDE: O PESO DA CONEXÃO DIGITAL NA VIDA CONTEMPORÂNEA

Kimura (2017), em seu *Livro secreto das redes sociais*, apresenta-nos uma definição tipológica da humanidade com relação aos usos da tecnologia, categorizando algo como um perfil de usuário: *Homo Papyrus* – pessoas que não possuíam contato com a internet, não sendo, portanto, usuários das redes sociais, uma condição que se mostra ser realidade ainda hoje; *Homo Conectadus* – aqueles que já nasceram na zona de penumbra entre a vida sem internet e a emergência da realidade cotidiana das redes sociais, dispondo de sua posse, seriam os usuários que buscariam incessantemente se adaptarem às realidades e exigências do mundo digital; e o *Homo Digitalis* – crianças e jovens que já cresceram em meio à própria tecnologia, logo, esses conseguiriam transitar, navegar e consumir a internet sem grandes dificuldades, visto que se constituíram digitalmente enquanto usuários que tratariam as redes sociais digitais e outras TICs como uma realidade “natural”, ou seja, uma realidade da qual o

ser humano não poderia viver sem, no nível mesmo de se referir a algum sofrimento psíquico diante de sua falta.

Nesse contexto, veríamos se manifestar, mais claramente, uma forma de subjetividade maquínica, ou digital, que seria aquela que já correlaciona a conexão digital com a consecução de seus afazeres diários, relações, lazer, entre outros. Consistiria, portanto, em uma forma de subjetividade maquínica (GUATARRI, 1988), que se expressaria sob a razão do recurso digital, em íntima correlação com o desempenho atual das máquinas enquanto veículo de produção de subjetividades, um expediente sociodigital, que vai do uso cotidiano de celulares até a apropriação das plataformas de inteligência artificial. Uma dinâmica que envolveria “o desempenho de uma máquina, um computador, com outros computadores, ou com humanos que se obrigam a reduzir suas participações como quem imita a máquina” (GHIRALDELLI, 2021, s.p). De modo que a conexão digital que assegura a permanência nas redes passa a influenciar diretamente no sistema de recompensa do cérebro em suas teias de relações cognitivas e na profusão de hábitos dopaminérgicos de seus usuários, sobretudo no que se refere ao uso indiscriminado especialmente das redes sociais. Não sem razão, “existem apenas duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a de drogas e a de *software*” (O DILEMA DAS REDES, 2020).

As redes sociais são plataformas digitais que permitem a conexão de pessoas de todo o mundo. Elas oferecem uma ampla variedade de recursos, como mensagens, publicações, compartilhamento de fotos e vídeos, entre outros (MARTINS *et al.*, 2023). Já não restam dúvidas de que as redes sociais agilizaram e ampliaram as possibilidades de comunicação, tornando-as mais horizontalizadas, permitindo, em muitos aspectos, considerável espaço de democratização da expressão e da fala. No entanto, elas fazem muito mais do que sua objetiva apresentação permite verificar a princípio. Fato que se evidencia ao constatarmos que muitos usuários, quando acordam pela manhã, têm como primeira ação, logo após verificar o horário na tela do celular, conferir as notificações em suas respectivas redes sociais: *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Snapchat* ou *Youtube*. Essas são algumas das plataformas que lideram o interesse no mundo, tanto do trabalho quanto pessoal (KIMURA, 2017).

Em face a isso, o cientista da computação, Jaron Lanier (2018), em seu livro: *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*, afirma que, no contemporâneo, as redes sociais seriam praticamente um segundo documento de identidade, de forma que não participar de determinada plataforma digital equivaleria, muitas vezes, a uma realidade de total isolamento. Lanier é uma referência do Vale do Silício, considerado o pai da realidade virtual, mas, mesmo assim, chama a atenção por não possuir nenhum perfil em rede social, deixando

bem claro que *as evita pela mesma razão que evitaria uso das drogas*. Isso porque as bases da internet foram fundamentadas em um modelo de negócios regido pelo universo das propagandas: os anúncios publicitários, aqueles velhos conhecidos das mídias tradicionais, foram repaginados à medida que a internet se desenvolvia. O que antes era mera exposição de um produto, agora passa a ser uma intrincada engrenagem digital de algoritmos que exercem sua determinação, modificando o comportamento e o desejo de milhões de pessoas diariamente, sem que a maior parte delas sequer se dê conta disso. Se, de imediato, o usuário tem a percepção de estar fazendo uso das redes, ao analisarmos de forma mais detida essa situação, podemos verificar o exato contrário, a saber, as redes sociais fazendo uso de seus integrantes: uso de informações pessoais, perfis, fotos e, sobretudo, preferências que alimentam o algoritmo.

Essa realidade muito bem apresentada no longa-metragem, dirigido por Jeff Orlowski, *O dilema das redes* (2020), produzido pela Netflix, na perspectiva de um documentário, propõe-se a abordar e tecer críticas justamente ao tempo gasto navegando pelas redes sociais, seus efeitos prejudiciais no comportamento e na subjetividade. A partir desses dados, passa a analisar os aspectos de vigilância em jogo nos usos das plataformas, o modo como esse uso se converte em vício e termina por se relacionar perfeitamente com as novas dinâmicas do capitalismo (semicapitalismo), produzindo uma sociedade mais insular, promovendo desde bolhas de pensamento, até as polarizações e novas crises políticas.

De tal forma, se a dinâmica nas redes traz em seu bojo inúmeros benefícios inegáveis, essa realidade virtual também acarreta inúmeros efeitos negativos, por exemplo, as redes relativizam e introduzem comportamentos inadequados, polarizam ações, estimulam emoções negativas, distorcem a percepção da verdade, precarizam profissões etc. A lista parece não ter fim, mas Lanier (2018) faz uma síntese de ao menos dez argumentos, os quais ele julga serem capazes de evidenciar a dinâmica problemática do uso indiscriminado das redes sociais. Antes de listá-los, salientamos que se trata de uma visão exclusivamente pejorativa do uso da internet especialmente das redes sociais, uma vez que traz afirmações que endossam que as redes seriam como uma gaiola que iria a todos os lugares com seu usuário, sendo uma verdadeira prisão sem muros, de modo que deletá-las seria um verdadeiro gesto de resistência em face à crescente desordem pós-moderna. Mas, é importante destacar que existem sim formas de uso das redes que são positivos: começar um relacionamento ou dar sequência a ele, aprender coisas novas, formar grupos, comprar ou vender etc., basta imaginar o que teria sido da rede de relacionamentos no isolamento imposto pela pandemia de Covid-19 sem a realidade das redes sociais para que o argumento de Lanier seja revisto em sua totalidade, ou ao menos retificado em face ao uso equilibrado das redes.

Assim, segue o inventário argumentativo de Lanier (2018), que poderia ser sintetizado do seguinte modo: 1) você está perdendo seu livre-arbítrio; 2) largar as redes sociais é maneira mais certa de resistir à insanidade dos nossos tempos; 3) as redes sociais estão tornando você um babaca; 4) as redes sociais minam a verdade; 5) as redes sociais transformam o que você diz em algo sem sentido; 6) as redes sociais destroem sua capacidade de empatia; 7) as redes sociais deixam você infeliz; 8) as redes sociais não querem que você tenha dignidade econômica; 9) as redes sociais tornam a política impossível e; 10) as redes sociais odeiam sua alma.

Não sem razão, na atualidade, as mídias sociais já são descritas como um hábito dopaminérgico mais viciante do que os cigarros e o álcool, estando de tal forma arraigadas na vida dos jovens que já não seria mais um fenômeno passível de ser ignorado. Nesse contexto, segundo Silva e Silva (2017), surgiu o nome *Nomophobia*, abreviatura de *no-mobile phobia* (medo de ficar sem celular). A palavra teve sua origem no Reino Unido, em 2008, e ficou conhecida na quinta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Nos últimos anos, o fenômeno FoMO (*Fear of Missing Out*), que se refere à percepção de que é essencial estar constantemente ligado às redes sociais, levando ao uso frequente e, em alguns casos, excessivo de plataformas de mídia social e aplicativos de mensagens, tem sido alvo de crescente estudo empírico (MOURA *et al.*, 2021-2022). Segundo Elhai *et al.* (2022), o fenômeno FoMO, também tratado como uma síndrome, é descrito como composto por dois elementos centrais: a) a preocupação de que se está perdendo experiências valiosas vivenciadas por outros, e b) o desejo contínuo de se manter conectado com sua rede de contatos sociais. O primeiro elemento reflete a dimensão cognitiva da ansiedade, como a preocupação e a ruminação. O segundo elemento, por sua vez, é uma tática comportamental que busca diminuir a ansiedade, de maneira similar ao que acontece nas compulsões presentes em transtornos obsessivo-compulsivos, nos quais as ações compulsivas tentam, ainda que de modo ineficaz, mitigar sentimentos ansiosos.

Assim, sintomas como ansiedade, nervosismo e estresse se mostram diretamente relacionados com a perda de conectividade que termina impulsionando transtornos como: *síndrome do toque fantasma* – quando o cérebro faz com que a pessoa sinta que o celular está vibrando no bolso, ainda que ele não esteja ali; *náusea digital ou ciberdoença* – quando pessoas relatam a impressão de movimento, sentindo náuseas e desorientação espacial após a utilização de uma nova interface da plataforma; *transtorno de dependência da internet* – que se refere à compulsão em acessar a *web* permanentemente, esse transtorno se associa a outras

doenças, como depressão, TOC (transtorno obsessivo-compulsivo), transtorno de déficit de atenção e ansiedade social; *cibercondria* ou *hipocondria digital* – consiste em uma tendência que os hipocondríacos adquiriram de acreditar em tudo que vêm sobre doenças na internet.

No Brasil, segundo o Jornal Estado de Minas, publicado no dia 28 de setembro de 2021, um estudo divulgado pela plataforma Cupom Válido, que reuniu dados da *Hootsuite* e *WeAreSocial*, mostra que o país é o terceiro país no mundo que mais usa redes sociais. Esse estudo indica ainda que o tempo médio de conexão dos brasileiros é 3h42 por dia, ficando atrás somente das Filipinas (4h15) e Colômbia (3h45). Outra estatística de Volpato (2022) lista as 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2022: 1. *WhatsApp* (165 mi); 2. *YouTube* (138 mi); 3. *Instagram* (122 mi); 4. *Facebook* (116 mi); 5. *TikTok* (73,5 mi); 6. *Messenger* (65,5 mi); 7. *LinkedIn* (56 mi); 8. *Pinterest* (30 mi); 9. *Twitter* (19 mi) e; 10. *Snapchat* (7,6 mi).

Toda essa exposição excessiva às redes sociais tem levado pesquisadores do mundo inteiro a demonstrarem as conexões profundas entre o uso intensivo de tecnologias digitais e o aumento de problemas psicológicos, tais como depressão, ansiedade, dores de cabeça e suicídio. Além disso, a interação com as mídias está associada ao descontentamento feminino com a própria imagem corporal, ao aumento dos esforços para melhorar a aparência e a uma prevalência mais elevada de distúrbios alimentares, conforme apontado por Desmurget (2023).

Alguns estudos realizados pela *Royal Society for Public Health* (RSPH, 2019) em psiquiatria e psicologia já apresentam dados relativos ao impacto positivo e negativo do uso das redes sociais na saúde mental de seus usuários que, no geral, referem-se ao *Instagram* e *Snapchat* como sendo as mídias mais negativas para o bem-estar geral. Isso porque ambas as plataformas são muito focadas na imagem de suas respectivas identidades, gerando nos usuários sentimentos de ansiedade e inadequação com relação aos altos padrões propostos. Segundo o mesmo instituto, o compartilhamento de fotos pelo *Instagram* termina por impactar negativamente no sono e na autoimagem, na medida em que estimula a ansiedade dos jovens por ficarem fora das novidades dos acontecimentos. Assim, cerca de 70% dos jovens relataram que o uso do aplicativo induziu a sentimentos negativos em relação à própria autoimagem e, quando o escopo analisado se refere ao sexo feminino, esse número sobe para alarmantes 90% (RSPH, 2019).

Diniz (2023) também chama a atenção para a associação do uso exagerado das redes sociais e o aumento do sentimento de solidão, uma vez que, mesmo estando cercado de conexões virtuais, a falta de interações sociais profundas e verdadeiras pode levar a um sentimento de isolamento emocional. O indivíduo pode se encontrar preso em um ciclo sem fim de checar

atualizações e responder a notificações, negligenciando outras áreas vitais de sua vida. Além disso, Cruz (2020) aponta que, em muitos casos, o principal impacto negativo do uso excessivo da internet reside no consumo desmedido e descontrolado do tempo, o qual poderia ser empregado em outras atividades essenciais ao desenvolvimento pessoal.

Em complemento, Snyder et al. (2015), no estudo *O efeito do uso problemático da internet por estudantes universitários dos EUA nas relações familiares: uma investigação de métodos mistos*, revelam que mais de 40% da população já enfrenta algum tipo de dependência relacionada à internet, abrangendo e-mails, jogos ou pornografia. Especificamente, Snyder destaca que 48% dos estudantes universitários americanos se consideram “viciados na internet”. Quando questionados sobre o impacto dessa relação com a internet, a maioria dos estudantes reconheceu um empobrecimento nas relações de trabalho, nos relacionamentos interpessoais e na dinâmica familiar, atribuído ao tempo excessivo gasto online.

3. REFERRÊNCIA VIRTUAL: O DESEJO EM REDE

É diante de dados como os mencionados anteriormente que a questão desta pesquisa se impõe: quais seriam as dinâmicas de captura virtual do desejo e digitalização da subjetividade pelas redes sociais? Acredita-se que haveria uma captura da forma de desejar dos usuários, sendo o desejo uma função psicológica determinante para a compreensão da subjetividade humana. O desejo humano seria a expressão do modo de apropriação da própria realidade. É o desejo, enquanto função, que nos orienta para os objetos, qualificando-os, para as pessoas, distinguindo-as, e para os propósitos, ambicionando-os. Sendo o desejo uma função psicológica, a captura dos objetos do mundo passaria por um filtro analógico daquilo que faria alusão aos interesses do sujeito. Mas a digitalização do desejo passa a determinar quais objetos seriam esses, hipertrofiando e inflacionando o registro imaginário, na mesma medida em que deflaciona seu recurso semântico para significar essa relação.

Nesse sentido, hipotetiza-se que a função do desejo, no ambiente virtual, sofre uma modificação: ele se virtualiza, gerando inevitáveis formas de comparação, modificando sua função de qualificar, distinguir, ambicionar ou apetecer algo. Isso ocorre porque a própria noção de referência passa a ser relativizada em seu extremo, a referência passa a ser virtual. Nesse ponto fica claro aquilo que Eidelsztein (2020) nomeia como errância para localizar o conceito de referente no âmbito de suas proposições sobre *a origem do sujeito em psicanálise*: o referente é *referrância* – a referência de uma errância em se habitar a linguagem. A referrância virtual só faz tornar ainda mais evidente que o significante com o qual se nomeia o pró-

prio desejo já é, por definição, uma rasura, uma tentativa de apagamento de um traço inconsciente que, se seguido em análise, levaria aos descaminhos do desejo.

Muito embora a maior parte das pessoas saiba da discrepância entre sua melhor foto de perfil em uma rede social e sua ordinária aparência cotidiana, no geral, essa diferença vai aos poucos se precipitando em uma zona de penumbra, fazendo com que a função de desejar vá se tornando também virtual. De modo tal que o papel da consciência em diferir entre a realidade virtual e material vai sendo cada vez mais exigida, gerando uma forma de subjetividade digitalizada, aquela que participa dos eventos em função das fotos ou vídeos que poderiam ser postadas, que torna virtual sua imagem pública, digitalizando relações, ou ainda aquela que já não sabe mais se localizar no mundo fora das redes, sobretudo a se considerar que esse mundo é regido pelas relações de trocas simbólicas impostas pelo semiocapitalismo (GHIRALDELLI, 2022) em seu processo de desreferencialização. Ora, se o contexto de trocas simbólicas, sociais, econômicas e culturais sofre uma modificação capaz de ressignificar o sistema capitalista em face à emergência da dinâmica digital, então, estamos diante de um contexto capaz de reorganizar nossa pergunta de pesquisa, de modo que ela seja exposta da seguinte maneira: quais seriam as dinâmicas de captura virtual do desejo e digitalização da subjetividade nas cenas do semiocapitalismo?

Se o semiocapitalismo condiciona os processos de desreferencialização das trocas simbólicas, isso não significa que esse modo de gerir a economia de gozo dos sujeitos na cena atual esteja mais próxima daquilo que constituiria o desejo humano em sua especificidade e, em sendo assim, colocaria-se em condições de estatuir uma forma capaz de ampliar sua potência desiderativa. Tudo indica se tratar exatamente do contrário, pois, se de um lado, o radical da referência é a referênciã – como errância significante irreduzível – de outro, a desreferencialização, implica na admissão do constrangimento habitual ao qual o sujeito se vê submetido ao ter suas formas de expressão afuniladas pela virtualização excessiva de seu imaginário. Nesse caso, trata-se de um efeito da inflação semiótica (simbólica) derivada da plêiade de recursos digitais que termina por estabelecer as condições materiais e subjetivas de uma deflação semântica, uma diminuição do potencial de significação e expressão, razão pela qual se verifica indícios de certa melancolização das relações digitais, visto que algo da dimensão afetiva do humano parece demandar algo mais que a virtualização do laço para se atualizar.

Nesse sentido, o sujeito contemporâneo se vê desorientado tal como uma espécie paleolítica perdida na vastidão de um shopping center. Em que pese reconhecer, o sujeito da Era Digital enfrenta os dilemas pós-modernos com um cérebro ainda derivado das urgências existenciais do Pleistoceno, com um sistema dopaminérgico que não foi desenvolvido para res-

ponder de forma ordinária inúmeras situações hiper-dopaminérgicas. Tal como as que se verificam no âmbito virtual da atualidade, situações que fazem com que o sujeito fique hiperestimulado, ininterruptamente. Um estado que termina por lentificar a dinâmica do metabolismo cerebral, dificultando o processo que faria com que mais neurônios fossem arborizados por sinapses derivadas das vias dopaminérgicas, meso e frontocortical, acessos responsáveis pela motivação e prazer no atraso de recompensas. No âmbito das neurociências, a neurofisiologia do prazer só faz admitir aquilo que a psicanálise alcança na solidão fecunda de seu ofício, justamente por escutar os subterrâneos da cultura – quando confere voz ao sofrimento de cada um de seus pacientes: *todo excesso esconde uma falta*.

Nesse ponto, a escuta lacaniana é certa quando o psicanalista (LACAN, 1971-1972/2012, p. 17) explora a homofonia (em francês) entre *ecce homo* (expressão do latim que significa *eis o homem*), e *excesso homo*. Se *ecce homo* caracteriza o sintagma que classicamente assinala o homem em sua condição universal, ao apresentá-lo enquanto modelo a ser emulado (tal como Pilates sinaliza o Cristo em seu julgamento), por analogia de atribuição, o *excesso homo* o particulariza, circunscrevendo o excesso como condição de cada *humano, demasiado humano*.

Desde os gregos e as milenares máximas délficas, o excesso figurou como disposição a ser combatida, tal como se viu sentenciado pela severidade pétrea do Oráculo: *nada em excesso* (Μηδὲν ἄγαν). Entretanto, cumpre reconhecer que o Oráculo contemporâneo não se localiza mais em Delfos, mas em cada aparelho celular conectado. Se o homem grego antigo se localizava em face ao seu desejo direcionando uma questão ao Oráculo em busca de respostas, no mais das vezes truncadas, as quais ele teria que interpretar, hoje, o sujeito pós-moderno endereça suas questões ao Google. E mais recentemente, ao seu descente dileto: a Inteligência Artificial. E se antes havia um cortejo de restrições para consecução de um desejo, hoje é o excesso que baliza a conjuntura de suas interrogações, fazendo vacilar o desejo ao colocar em suspenso sua dimensão estrutural de falta, ou fazendo oscilar as vigas de restrição que até então o sustentavam.

Não sem razão, o excesso da Era Digital se instrumentaliza justamente por escamotear aquilo que faz falta. Na era do capitalismo de plataformas, é possível ter tudo: informação, sexo, jogos, compras, presença, mas desde que virtual. Segundo Zizek (2010, p. 51), a realidade virtual simplesmente generaliza o procedimento “de oferecer um produto despojado de sua substância”, despojado “do núcleo duro resistente do real – do mesmo modo como café descafeinado tem cheiro e gosto de café real sem ser a coisa verdadeira, a realidade virtual é experimentada como realidade sem o ser”, sendo assim, “tudo é permitido, você pode desfru-

tar tudo – com a condição de que tudo seja privado da substância que o torna perigoso”. Trata-se de uma virtualidade que impõe aquilo que Lacan (1978) denomina como objeto mais-degozar, um objeto capaz de colocar em marcha o curto-circuito moebiano do discurso capitalista que condiciona o expediente de trocas na dinâmica da entropia social.

O que está em jogo não passa por considerar o virtual como sendo a raiz do problema. Em boa filosofia aristotélica, o virtual seria aquilo que existiria somente em potência, ou como faculdade, que precisaria se atualizar para produzir efeito no real. No entanto, no âmbito da Era Digital, o virtual é efetivo. Trata-se de uma forma de realidade a qual se denomina justamente como *realidade virtual*, um modo de realidade capaz de conferir ossatura a um conjunto de ficções que antes restavam mais facilmente apartadas de nossa realidade vigente.

A realidade humana sempre foi ficcional, ou, quando menos, nunca se propôs desarticulada de uma trama ficcional. Segundo Harari (2016), o desenvolvimento da linguagem ficcional se produziu como efeito direto de uma revolução cognitiva que se materializou na altura geológica do final do médio Paleolítico, há 70 mil anos atrás. A partir daí a linguagem humana se caracteriza por superar as amarras da estéril literalidade, condição que condicionava a comunicação humana às obviedades do sentido denotativo apenas. Com o desenvolvimento de uma linguagem figurativa, a ficção passa a estruturar o cálculo do possível, do potencial, do virtual.

Não obstante, a linguagem ficcional não é ocorrência que caia pronta da árvore dos acontecimentos, ela nasce e amadurece como o fruto mais sazonado no terreno de encontro entre a base fisiológica de percepção dos sujeitos e os sentidos que compõem seu senso de realidade, a saber, o sentido concreto, denotativo, e o figurado, conotativo. Foi o recurso de uma linguagem ficcional que ocasionou que a comunicação humana não fosse restrita somente ao que determinava os vínculos engessados da denotação, submetidos, como estão, ao lastro de um infundável presente. O sentido conotativo nos permitiu temporalizar, visto que agora poderíamos figurar a realidade, ou seja, criar sentidos novos. Enquanto a linguagem denotativa se reduzia à descrição de uma objetividade crucial, porém estéril, a linguagem conotativa, ou ficcional, permitiu aos *sapiens* pensar por hipóteses – contracenar na arena dos possíveis, na qual o senso de realidade, depois de aceso, passa a ser posto em permanente escrutínio.

Cumprido destacar que a realidade não é exclusivamente algo que se registre psiquicamente. Quando menos, a realidade não se reduz somente àquilo que existe, mas, também, àquilo que resiste às nossas ficções. Sob essa perspectiva, a realidade seria tal como um composto heterogêneo, capaz de acomodar, no interior de sua estrutura, aspectos de uma realida-

de em-si (objetiva), sem com isso, deslustrar aspectos de uma realidade para-nós (subjéitiva). Haveria, como Freud assim o propõe, uma realidade externa ao sujeito, material e autônoma, e uma realidade interna, igualmente autônoma, mas composta daquilo que anela o coração do humano, do constituinte de suas rejeições, suas inclinações e propensões. De modo que a síntese da realidade objetiva e subjéitiva, já sinaliza novamente para as consequências da emergência da linguagem ficcional do sujeito como elemento decisivo dessa composição. Quanto a isso, Zizek (2013, p. 201) nos assegura que embora possa ser feita uma precisa distinção “entre realidade e ficção, não podemos simplesmente descartar a ficção e reter apenas a realidade; se descartamos a ficção, a própria realidade se desintegra, perde sua consistência ontológica”.

Ora, a função psíquica que organiza a dinâmica do sentido denotativo e conotativo da linguagem, a oposição entre realidade concreta e ficcional, a correlação entre o potencial e o atual é justamente a função do desejo. O desejo é o núcleo analógico da personalidade: “o desejo é a função intencional determinante na interação do sujeito ao seu meio ambiente” (SAFATLE, 2007, p. 31). É o desejo, enquanto função cognitiva, quem exercerá uma função analogante entre o sujeito e o mundo, entre o sujeito e seus objetos, que só encontraram inteligibilidade existencial na medida em que passarem ao registro de serem admitidos enquanto objetos de desejo.

Ocorre que o desejo em rede, ou o desejo no contexto da virtualidade da Era Digital parece sofrer considerável deflação, seja em função de uma hipertrofia do imaginário que faz como que a imaginação outrora ativa, reste cada vez mais passiva em função de funcionar cada vez menos como ação ficcional, e cada vez mais como receptáculo de um excesso de imagens, objetos e histórias já dadas. Seja em função do embobrecimento semântico relativo ao crescente uso de plataformas digitais que restringem o gradiente de expressão e significação dos anseios e interesses do sujeito.

Nesse contexto, a digitalização do desejo implica em se considerar que possa haver cada vez mais crescentes dificuldades em se separar o que seria da ordem do virtual, relativo ao trânsito em plataformas digitais e o que seria propriamente da ordem da realidade. Se antes, o desejo se organizava em relação ao *desejo do Outro* da cena social, bem como na travessia angustiosa do ponto em que esse Outro seria barrado, na atualidade a Inteligência Artificial se materializa com a promessa tecnicista de fazer suplência a essa falta que se constitui como fundamento estrutural para o movimento do desejo. Entretanto, segundo Zizek (2011, p. 53), seria precipitado destituir o grande Outro de seu lugar na economia simbólica dos sujeitos: “para que um indivíduo mergulhe no espaço virtual, o grande Outro tem de estar lá, mais poderoso do que nunca sob o disfarce do próprio ciberespaço”, constituindo o estofo virtual

dessa realidade. O virtual é similar ao grande Outro, “só existe na medida em que sujeitos *agem como se ele existisse*” (ZIZEK, 2010, p. 18).

4 ENTRE SIGNIFICANTES E ALGORITMOS: A RECONFIGURAÇÃO DO DESEJO NO SEMIOCAPITALISMO

O semiocapitalismo se apresenta como sendo o ápice de abstração do sistema capitalista, impactando de maneira direta e fulminante os sujeitos que se relacionam, cada vez mais, no âmbito de realidades virtuais e sob a perspectiva digital da desmaterialização dos vínculos intersubjetivos, no qual as referências simbólicas, as metanarrativas, são frequentemente relativizadas. Segundo Berardi (2016), o semiocapitalismo seria a recente configuração da intrínseca articulação entre linguagem, economia e universo digital. Nessa articulação, o regime de produção de bens, materiais ou imateriais, pode ser interpretada nos termos de um agenciamento de informação (sinais, figuras, algoritmos, imagens, texto).

Trata-se da semiotização da produção social, bem como do intercâmbio econômico que implica em uma profunda transformação no processo de subjetivação. Nesse sentido, a cultura do semiocapitalismo faz emergir uma subjetividade colonizada pela ideologia do consumo imagético e pelo regime de socialização digital no qual o desejo do sujeito se vê fisdado pelas determinações do algoritmo. Posto isso, apresentam-se alguns dos efeitos subjetivos provocados pelo movimento de ascensão do neoliberalismo. Essa cultura apresenta um quadro da sociedade pós-moderna, que vai desde a proposição do capitalismo como modo de descrição das trocas econômicas e simbólicas até seu estertor, com a proposição de uma hipermodernidade na qual percebe-se que o excesso semiótico (imagens, sinais, *smiley* e *emoticons*), caminha lado a lado com a escassez semântica (encurtamento do espaço de expressão, de letras, como no caso do *Twitter* e *Instagram*), ou seja, o sujeito se percebe oprimido nos processos de significação e expressão de seu desejo. Na infosfera, todo texto que foge do achatamento digital se converte em textão e, por consequência, alcança menos leitores. Os grandes textos são substituídos por pequenos escritos, em seguida por imagens e, na sequência, por vídeos e memes.

Desse modo, o sujeito se vê silenciado pelo excesso imposto pela hipersimbolização inerente ao semiocapitalismo, comprimindo o espaço de expansão de seus processos de subjetivação, tornando maquínicas suas respostas e interações, que se tornam mais reativas e menos criativas no que se refere ao âmbito da expressão emocional. Nesse sentido, infere-se que se Lacan, em sua época, apresentou a ordem simbólica que condiciona o desejo como

sendo o grande Outro (A), na atualidade, devemos considerar os efeitos de sua digitalização a partir do algoritmo que condiciona o desejo e o consumo nas plataformas on-line, reorganizando o espaço simbólico do sujeito, que, no conjunto de determinações do semiocapitalismo, agora terá que passar do desfiladeiro do grande Outro (A) às determinações do algoritmo para se localizar em face ao seu próprio desejo. Se ao grande Outro sempre falta um significante (S(A)) para que o sujeito possa se localizar, ao algoritmo resta o excesso ao ser suplementado pela Inteligência Artificial (AI), um excesso que captura o sujeito nas malhas de uma alienação digital.

Condição que nos faz considerar uma forma de subjetivação maquínica, ou ainda uma forma maquínica de sofrimento, desde que premida pela velocidade das ocorrências, pelo excesso semiótico e sua correspondente escassez semântica, pela volatilidade dos significados e pela pulverização dos valores que edificaram nossa percepção da modernidade. Conjuntura que não se impõe sem que faça sofrer seu sujeito, visto que acarreta uma considerável perda da potência desiderativa no contexto do semiocapitalismo.

A perda da potência desiderativa se refere justamente ao fato de haver uma inflação simbólica referente ao aumento dos recursos digitais de comunicação na mesma medida em que há uma deflação semântica referente ao achatamento dos modos de expressão: menos palavras, textos menores, áudios em maior velocidade. Todos esses fatores constroem a dinâmica de expressão do sujeito no contemporâneo, sobretudo no nível mais fundamental de seu desejo, de sua potência desiderativa, sua potência de desejar, ser e pensar.

A tese que ilustra a pertinência da proposição do semiocapitalismo se verifica na hipótese fundamental de que há uma inflação semiótica (símbolos), na mesma medida em que há uma deflação semântica legitimada pela infosfera atual, que é agenciada pela internet, ou seja, pelo capitalismo de plataformas. O que está em jogo é que, por mais que se fale de Inteligência Artificial na atualidade, a verdade é que os computadores ainda não entendem as palavras, e por essa razão não pensam como os humanos, as máquinas apenas simulam pensamento. No âmbito da atual Inteligência Artificial, as palavras se tornam códigos matemáticos, sem valor semântico algum. Não obstante, os computadores não possuem semântica, o que equivale a dizer que eles não trabalham com o significado das palavras, e é exatamente por essa razão que o uso excessivo de máquinas, o uso excessivo das plataformas digitais restringem a semântica dos sujeitos que sedimentaram a constituição de seus laços na perspectiva estrita desse âmbito de significações.

Um bom exemplo de como as máquinas simulam pensamento é o fenômeno atual do ChatGPT, que se verifica como importante ferramenta para geração de textos pelo recurso da Inteligência Artificial, mas que torna evidente o fato de que essa inteligência maquínica não reconhece o significado das palavras, tal como o pesquisador Fernando Osório, professor da USP São Carlos, em entrevista nos diz: “o ChatGPT é uma boa ferramenta para gerar textos, mas ele não sabe o significado das palavras. Ele é apenas um papagaio que repete aquilo que aprendeu” (ROMANI; MILLER, 2023, s.p.).

A restrição semântica seria uma importante condição para o avanço da digitalização do desejo, ocasionando uma forma de desejar que passa a se confundir com uma forma de gozar. Não havendo espaço necessário de depuração, não havendo a *via crucis* do desejo – em seu cortejo de impedimentos e negações cernido pela figura da falta – esse já emerge circuitado pelo excesso, determinado pelo imperativo digital atual: goze!

É nessa perspectiva que o desejo humano ocupa o epicentro analógico da personalidade. O desejo seria uma função intencional determinante na interação entre o sujeito e seus objetos ou entre o sujeito e seu meio, denunciando o equívoco no qual incorrem as proposições que defendem uma atividade cognitiva neutra ou destituída de interesses. A função do desejo é conativa e analógica, e agora passa também a ser digital. A digitalização do desejo corresponde à hipertrofia do imaginário decorrente de toda sorte de excessos, pavimentando a via livre da positividade, não havendo espaço possível para a falta. É a digitalização do desejo que deflaciona os recursos de significação, dado que os objetos de desejo já são dados de antemão. Nesse sentido, a digitalização do desejo avança, hipertrofiando e inflacionando o registro imaginário, na mesma medida em que deflaciona seu recurso semântico para significar essa relação.

Nesse contexto, talvez não fosse temerário conjecturar que avança também uma forma de discurso que deriva do discurso capitalista, e que não o modifica em seu aspecto formal, mas que ao menos o poderia suplementar nominalmente, ao ser nomeado como discurso semiocapitalista. Se com Lacan (1978) e sua proposição do discurso capitalista, a dinâmica do laço social já implicava em considerar os impasses de sua degradação, demandando uma ética que pudesse “vir barrar o imperativo de gozo imposto pelo discurso capitalista científico neoliberal: império do ter, do individualismo, da competitividade” (QUINET, 2009, p. 21), com a vertente semiocapitalista estamos diante da fragilidade de um laço que agora é virtual, no qual o desejo já emerge despotencializado, desde que comprometido com a insensibilidade típica do regime ultraliberal e pavimentado pelas promessas grandiloquentes do hipercon-

sumo, da hiperindividualidade de uma sociedade pautada pelos ditames hipermodernos de uma cultura do narcisismo midiático.

Cumprir considerar que a teoria dos discursos proposta por Lacan (1969-1970/1992) é um recurso formal capaz de tornar inteligível os modos de aparelhamento de gozo pela linguagem na cena social, estruturando a composição do laço social. Entretanto, o discurso capitalista seria pautado por uma perspectiva perversa de laço social, mas não se trata da perversão enquanto estrutura subjetiva, mas sim da produção de um traço perverso. Traço por meio do qual a composição do laço se enoda produzindo uma montagem perversa da socialidade, capaz de colocar em destaque a ausência de limites enquanto valor social, o empobrecimento subjetivo enquanto divisa das modernas relações de trabalho e o declínio das instituições e da função paterna como conquistas sociais.

A esse conjunto de sintomas sociais da sociedade capitalista a psicanálise nomeia como perversão generalizada, uma forma de laço social em que o outro da relação intersubjetiva resta fetichizado, na qual seu sujeito fica servo de um imperativo superegoico, o qual lhe impõe um mais-de-gozar insaciável. Mas, se a estrutura do laço na sociedade capitalista nos apresenta um quadro de uma montagem perversa, ao se considerar a vertente do semiocapitalismo percebe-se também uma forma de melancolicização do laço, decorrente da atomização virtual e sua correspondente carência de vínculos. Condição que a virtualidade do laço impõe e que se caracteriza por uma verdadeira epidemia de depressão, aumento da sensação subjetiva de solidão e do sentimento “de insuficiência e de inferioridade ou de angústia frente ao fracasso” (HAN, 2015, p. 35) que caracterizam o excesso de positividade da sociedade neuronal.

Sim, a sociedade ainda é capitalista. Quer seja selvagem, tecnológico ou semiótico, quer seja neoliberal ou ultraliberal, impera ainda uma dinâmica na qual o capital se apresenta enquanto agente e sujeito de uma história que se conta após a queda dos grandes ideais, ou das metanarrativas. Ocorre que o semiocapitalismo só faz avançar o empobrecimento simbólico para lidar com essa queda, sobretudo por se organizar em torno de um afeto político que vai do medo ao desamparo. Promovendo processos defensivos que vão desde a denegação perversa até os inúmeros processos de luto nunca finalizados frente à sanha superegoica por desempenho. Desfiladeiros pelos quais o sujeito terá de passar para poder afirmar algo do fulgor de seu desejo, que nunca é sem a castração, tal como Lacan (1962/1998, p. 794) nos adverte: “o desejo, isso a que chamamos desejo, basta para fazer com que a vida não tenha sentido quando se produz um covarde”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, fruto de uma pesquisa teórica realizada ao longo de 2023, investigou as dinâmicas de captura virtual do desejo e a digitalização da subjetividade no contexto das redes sociais, analisadas sob a perspectiva do semiocapitalismo e da psicanálise. A pesquisa revelou como as redes sociais impactam profundamente a subjetividade dos usuários, transformando os processos psíquicos e reconfigurando o desejo humano, que passa a ser mediado pelos algoritmos.

Sintetizando os resultados alcançados, verificou-se que o uso intenso das redes sociais conduz a uma “subjetividade maquina”, na qual o desejo dos usuários é capturado e moldado pelas dinâmicas digitais e algoritmos. Esse fenômeno contribui para a formação de novos padrões de comportamento, como a dependência das redes e a busca incessante por validação digital. Além disso, os resultados sugerem que essas plataformas influenciam negativamente o bem-estar mental, intensificando sintomas como ansiedade, estresse e sensação de inadequação, especialmente devido à pressão social de estar constantemente conectado e atualizado.

O estudo também demonstrou que a lógica de interação com o “grande Outro” foi substituída pela lógica do “Algoritmo”, o que trouxe consequências significativas para a maneira como os indivíduos se relacionam, tanto online quanto offline. Essa captura do desejo pelo ambiente digital aponta para um enfraquecimento das faculdades volitivas e uma menor capacidade de lidar com frustrações, efeitos amplamente corroborados pela literatura analisada.

Esses resultados contribuem para uma reflexão crítica sobre a saúde mental na era digital e destacam a necessidade de novas abordagens políticas, educacionais e terapêuticas. O impacto das redes sociais na subjetividade sugere que é crucial desenvolver estratégias eficazes para lidar com as implicações psicossociais dessa realidade digital.

Por fim, apesar das valiosas contribuições deste estudo, reconhecem-se limitações quanto à generalização dos resultados, dado que se trata de uma análise teórica. Sugere-se que pesquisas futuras se concentrem em estudos empíricos para aprofundar a compreensão sobre as complexas relações entre subjetividade, desejo e redes sociais, a fim de ampliar o entendimento sobre o impacto dessas plataformas na vida contemporânea.

REFERÊNCIAS

- CRUZ, M. Redes Sociais Virtuais: percepção, finalidade e a influência no comportamento dos acadêmicos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 12433-12446, 2020.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo: Vestígio, 2023.
- DINIZ, G. C. O impacto das mídias sociais na saúde mental: desafios e perspectivas. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2023.
- EIDELSZTEIN, A. **A Origem do Sujeito em Psicanálise**, São Paulo: Toro Ed., 2020.
- ELHAI, J. D. et al. Síndrome de FOMO: síntese, fundamentos teóricos e revisão da literatura sobre relações com a gravidade da afetividade negativa e o uso problemático da tecnologia. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 1-28, 2022.
- ESTADO DE MINAS. Brasil é o terceiro país do mundo que mais usa rede sociais, diz pesquisa. *Redes sociais*, 2021. Recuperado de https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2021/09/28/interna_tecnologia,1309670/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-usa-rede-sociais-diz-pesquisa.shtml
- GHIRALDELLI, P. O que é subjetividade maquínica? 2021. Recuperado de <https://ghiraldelli.online/2021/10/07/o-que-e-subjetividade-maquinica/>
- GHIRALDELLI, P. **Semiocapitalismo**. São Paulo: Cefa Editorial, 2022.
- GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Campinas: Papyrus, 1988.
- HAN, B.-C. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.
- HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.
- KIMURA, J. **Livro secreto das redes sociais**. São Paulo: Futurama, 2017.
- LACAN, J. Du discours psychanalytique: Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue. In: **Lacan in Italia 1953-1978** (pp. 32-55). Milan: La Salamandra, 1978.
- LACAN, J. Kant com Sade (1962). In LACAN, J. **Escritos** (V. Ribeiro, Trad., pp. 776-803). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 19: ... ou pior** (1971-1972) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEMBKE, A. **Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar**. São Paulo: Vestígio, 2022.

MARTINS, A. de S. et al. Os impactos das redes e mídias sociais na subjetividade: uma leitura psicanalítica. **Psicologias em Movimento**, v. 3, n. 1, p. 108-128, jan-jul, 2023.

MOURA, D. F. et al. Fear of missing out (FoMO), mídias sociais e ansiedade: Uma revisão sistemática. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 11, n. 3, p. 147-168, 2021-2022.

O DILEMA DAS REDES. Direção Jeff Orlowski. Documentário. Estados Unidos, 2020.

ROMANI, B.; MULLER, M. Palavras viram números: entenda como funciona a inteligência artificial do ChatGPT. Recuperado de <https://www.terra.com.br/byte/palavras-viram-numeros-entenda-como-funciona-a-inteligencia-artificial-do-chatgpt,4b328a98b8bda9dec0e66e02879d8f7bfizdmzco.html>

ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH - RSPH. Instagram ranked worst for young people's mental health. 2019. Recuperado de <https://www.rsph.org.uk/about-us/news/instagram-ranked-worst-for-young-people-s-mental-health.html>.

SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SILVA, T. de O., & SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SNYDER, S. M. et al. O efeito do uso problemático da Internet por estudantes universitários dos EUA nas relações familiares: uma investigação de métodos mistos. **PLoS UM**, v. 10, n. 12, 2015.

ŽIŽEK, S. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético**. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.